

GRUPO SIGNADORES, UMA JORNADA DE TRÊS GERAÇÕES DE ARTISTAS

Quem conta um conto, aumenta um ponto

Por Sergio Lulkin

Agradecendo a oportunidade de reviver um tanto de nossas histórias através destes escritos, este relato “aumenta pontos”, como no ditado, e articula passado, presente e futuro pelas mãos de pessoas imersas no mundo da Cultura, Arte e Educação de pessoas Surdas. Nosso texto resgata antigos desejos que se tornaram realidade, sonhos compartilhados que agora se materializam na cena, na tela, em performances criativas oferecidas ao público de maneira presencial ou virtual.

Nos anos 1970, em férias de verão na praia de Capão da Canoa/RS, tive o privilégio – agora, distante no tempo, tenho claro que posso nomear dessa maneira – de ver grupos de amigos, famílias, turmas inteiras que passavam diante da minha casa em intenso movimento, produzindo sons diversos e uma infinidade de gestos aparentemente incompreensíveis para um leigo, observador à distância. No entanto, era perceptível que estavam em pleno entendimento: pessoas Surdas com uma língua, uma forma altamente elaborada que cumpria com aquilo que nós ouvintes chamamos de comunicação.

Para mim, já naquele momento, essa comunicação despertava grande curiosidade pela sua riqueza e pelo fascínio que seu desenho no espaço me provocava. Desenhar no ar, engajar o corpo, criar espaços imaginários de beleza e poesia. Dessa observação e sinestesia, algo da expressão cênica já se

manifestava, a meu ver como um recurso de expressão poética no interior da língua, mesmo. Somava-se a isso, ainda como um recurso do ofício teatral, a plasticidade da pantomima como forma narrativa, para além da literalidade da língua. Embora incipiente, a noção da potência da plasticidade gestual se conciliava com a curiosidade pelo aprendizado de outra língua.

Essa visualização da possibilidade de o sinal tornar-se uma poética e expressão artística – e a seguir veremos a trajetória dos Signatores e a potência de seu trabalho na Arte –, amadureceu ao longo dos anos de formação em Teatro. Na década de 80, investi em variada formação artística e educacional, participando de festivais teatrais, visitando escolas de teatro, buscando aperfeiçoar meu ofício de ator. Numa dessas oportunidades, escutei falar de artistas que trabalhavam com crianças surdas, nos espaços escolares e em centros comunitários e culturais. Embora distante da formação pedagógica, naquela época, percebi que ali se configurava um desejo: a possibilidade de tornar-me artista-pedagogo e experimentar o Teatro com estudantes surdos.

Em 1989, fui acolhido pela Escola Especial Concórdia, onde pude experimentar diversas práticas teatrais com estudantes de todos os níveis da Educação Básica até 2001. Trabalhei dois anos também na Escola Estadual Lilia Mazon, ambas em Porto Alegre, RS.

Ao ingressar no espaço escolar, comecei a buscar bibliografia especializada e locais onde a Arte e a Cultura de pessoas Surdas estivessem presentes, permitindo-me o aprendizado e a imersão. Relembro que eu já mencionara, em outra publicação, as indicações da Federação Mundial de Surdos (World Federation of the Deaf /WFD), no início dos anos 90. A comissão de Arte e Cultura da referida Federação recomendava que artistas profissionais atuassem junto à comunidade surda na formação de atores, diretores, técnicos e produtores surdos, para incentivar uma expressão cultural própria; destacava a importância de promover a língua de sinais nas manifestações artísticas; a necessidade de investigadores no campo da história e da cultura dos surdos e a importância da inclusão desses estudos no currículo escolar. Nunca será demais reiterar essas posições e hoje já encontramos uma diversidade de artigos e documentos impressos e on-line publicados, promovendo e divulgando a Arte das comunidades Surdas, assim como outras performances que articulam Língua de Sinais e criações cênicas.

No âmbito acadêmico, fui garimpando congressos, seminários e encontros culturais, os quais fortaleceram as ações em Teatro com pessoas Surdas. Desse envolvimento intenso, que se ampliou, entre 1990 e 2018, por meio de projetos de Extensão, Pesquisa e disciplinas para a Graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul surgiram alunas interessadas nesse universo e no qual puderam levar adiante seus estudos e pesquisas, tal como um dia eu mesmo sonhei. Passo a escrita, então, para as próximas gerações, Adriana Somacal e Mateus Sousa, ambos do Instituto Federal de Santa Catarina, IFSC – Campus Palhoça Bilíngue (Libras/Português) –, cujos trabalhos sigo há muito tempo e com os quais tenho intercâmbio profícuo sobre Teatro, Cultura e Educação de Pessoas Surdas.

Para deixar aos leitores boas indicações, a Federação Mundial de Surdos (WFD) celebra de 20 a 26 de setembro de 2021 a Semana Internacional das Pessoas Surdas; o Dia Internacional da Língua de Sinais é comemorado a 23 de setembro do corrente ano. A cada dia, um tema é abordado e no sábado, dia 25 de setembro de 2021, é a vez de Arte e Cultura Surda. Em julho de 2022, na cidade de Reims, França, será realizada a 10ª edição do Festival Clin d’Oeil – Festival Internacional de Arte em Língua de Sinais. Para quem se interessar, todas as informações estão disponíveis on-line.

Neste momento me despeço, agradecendo mais uma vez a oportunidade de participar desse dossiê, e abro espaço para a equipe que se dedica à criação teatral. O conto aumenta seus pontos e se torna presente, aqui e agora.

A geração do meio

Por Adriana de Moura Somacal

Neste relato compartilho trechos de uma jornada artística com um olhar voltado para o passado e outro olhar que reflete sobre os desafios do tempo presente. Ao longo dos anos, construí as minhas práticas artístico-pedagógicas em conjunto com grandes parceiros, entre eles, os autores deste texto. Aqui descrevemos a trajetória de três gerações de artistas que encontram o mesmo ponto em comum: o fascínio pela Língua de Sinais. Desde os meus primeiros anos de ensino fundamental, estudei numa escola de ouvintes, do outro lado da rua de uma escola de pessoas surdas¹. No meu imaginário de criança, as pessoas surdas estudavam em outra escola, sendo assim, tinham uma outra língua.

¹ Escola Especial para Surdos Frei Pacifico, em Porto Alegre (RS).

Essa interpretação sobre a surdez afastou a ideia de ausência ou deficiência. E marcada por essas memórias, reencontrei a comunidade surda durante a graduação em Teatro – Licenciatura, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DAD/UFRGS) –, um encontro que perdura até os dias de hoje. Como faço parte da geração do meio, vivenciei as duas perspectivas, de aluna e de professora. Aprendi a partir das experiências do meu professor e orientador Sérgio Lulkin; ensinei e compartilhei as minhas experiências com Mateus Sousa, estudante do Curso Técnico Integrado em Tradução e Interpretação de Libras/Português, no Instituto Federal de Santa Catarina – Campus Palhoça Bílingue, onde atuo como professora de Teatro Bílingue (Libras/Português).

Em 2008, no momento de definição da temática do trabalho de final da graduação, juntei o meu interesse com as experiências anteriores de oficina de teatro e desenvolvi uma pesquisa sobre jogos de teatro para surdos². A pesquisa de campo foi realizada na mesma escola da minha infância, a escola de surdos do outro lado da rua. Em 2010, com o interesse em continuar com a prática artística com pessoas surdas, organizamos³ o projeto Gestos que falam: diálogos entre teatro e educação, premiado pelo Concurso Décio Freitas, da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre. O projeto tinha como proposta oferecer oficinas gratuitas de teatro para jovens e adultos surdos, realizadas na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), referência como centro cultural e prédio histórico da cidade de Porto Alegre (RS). Assim começou o Grupo Signatores, do interesse comum dos seus participantes em investigar os processos de construção da linguagem cênica própria da cultura surda. O grupo oferece aulas gratuitas de teatro à comunidade surda, produção de espetáculos de teatro, participação em congressos nacionais e internacionais e a publicação de artigos científicos e palestras.

Entre 2011 a 2015, com novos integrantes⁴ e a aprovação em novos editais de financiamento à cultura, construímos espetáculos protagonizados por

² Teatro – Licenciatura, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DAD/UFRGS), com orientação do Prof. Dr. Sérgio Lulkin e do Prof. Dr. João de Alcântara Gil.

³ Equipe é composta por Adriana de Moura Somacal (coordenadora de equipe, professora/pesquisadora ouvinte e diretora dos espetáculos), Sérgio Lulkin (coordenador pedagógico), Augusto Schallenger (professor/pesquisador surdo), Marcia Berselli (professora/pesquisadora ouvinte).

⁴ Equipe é composta por Adriana de Moura Somacal (coordenadora de equipe, professora/pesquisadora e diretora dos espetáculos), Sérgio Lulkin (coordenador pedagógico), Augusto Schallenger (professor/pesquisador surdo), Ângela Russo (intérprete de Língua Brasileira de Sinais – Libras), Alexandre Borin (ator/locutor), Márcia Caspary (atriz/locutora/audiodescritora) e Daniela Lopes (produtora cultural), proprietária da Cardápio Cultural – Gestão de Projetos.



Imagem 1



Imagem 2

atores surdos e com uma proposta de teatro bilíngue (Libras/Português). No palco apenas os atores surdos encenando em Libras, e fora de cena, os personagens-narradores, áudio em Português para a plateia ouvinte. Como diretora de teatro, cada espetáculo é um universo individual, uma nova possibilidade de investigação com o objetivo de expandir o potencial artístico da língua de sinais. Nossa primeira montagem e trabalho de conclusão de oficina, *Aventuras no Reino Surdo* (2011) – Imagens 1 e 2 – narra uma fábula construída a partir de jogos



Imagem 3



Imagem 4

de improvisação; *Memória na ponta dos dedos* (2012) – Imagens 3 e 4 – conta com uma dramaturgia construída a partir de entrevistas com os atores e relata de maneira artística os conflitos das pessoas surdas dentro de uma sociedade ouvinte; *O ensaio de Alice* (2013) – Imagens 5 e 6 – nossa primeira adaptação literária, mostrou fôlego para uma produção profissional e, pela primeira vez em 15 anos de existência, o edital do Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural (Fumproarte/SMC, Porto Alegre/RS) selecionou um pro-



Imagem 5



Imagem 6

jeto de montagem de espetáculo com um elenco composto de atores surdos, o espetáculo *Alice no País das Maravilhas* (2015) – Imagens 7 a 11.

A partir de 2016, quando assumi o cargo de professora de Teatro, no IFSC – Campus Palhoça Bilíngue (Libras/Português) –, o Grupo Signatores expandiu as fronteiras com atividades em Santa Catarina e ainda seguiu com atividades no Rio Grande do Sul. Com os nossos espetáculos de repertório, tivemos oportunidade de realizar apresentações do *Memória na ponta dos dedos* em



Imagem 7



Imagem 8



Imagem 9



Imagem 10



Imagem 11

festivais e em outros estados e de fazer uma nova temporada do *Alice no País das Maravilhas*, além de participar em oficinas e palestras.

Em 2017, com o desejo de seguir nos processos de direção de espetáculos e de criação de material artístico bilíngue, comecei a me questionar qual seria a próxima produção. Dentro do IFSC, atuo como professora de Teatro em diferentes disciplinas nos cursos oferecidos pela instituição de nível técnico integrado e superior, também coordeno projetos de extensão e cursos abertos à comunidade externa ao campus, como o curso de Formação Inicial e Continuada – FIC de Teatro Bilíngue (Libras/Português). Em especial no FIC, proponho uma nova temática de trabalho para cada semestre. Aprovei-

tei essa oportunidade para resgatar uma antiga paixão, os textos de William Shakespeare. Os temas discutidos por Shakespeare estão presentes na nossa sociedade e influenciaram toda cultura ocidental como parte do imaginário de diversas gerações e culturas (inclusive da cultura surda). Em 2017-2018, realizamos diversas ações com o projeto “Shakespeare em Libras” – Imagem 12: apresentações a partir do texto de Romeu e Julieta, leituras dramáticas de cenas da peça, contação de histórias Shakespeare para crianças em escolas da cidade de Palhoça e região metropolitana de Florianópolis (SC).

Em 2019, a trajetória do projeto “Shakespeare em Libras” transformou-se em tema da minha pesquisa de doutorado, em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Teatro, na Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGT/UEDESC), com a orientação do Prof. Dr. Flávio Desgranges. Nesse mesmo ano, fomos aprovados para a montagem do espetáculo Romeu e Julieta, pelo prêmio do 24º Cultura Inglesa Festival, festival realizado em São Paulo (SP), com estreia prevista para o ano seguinte, 2020.

Somos a geração que testemunhou a gravidade do momento histórico com a pandemia da Covid-19. A organização do festival, num primeiro momento, alterou as datas para o segundo semestre de 2020. Com a crise do sistema de saúde, a



Imagem 12

falta de medidas eficazes e combativas à pandemia com o aumento de vítimas fatais, recebemos o aviso oficial da data do festival, por fim, prorrogada para o ano de 2022.

Enfrentamos a quarentena sem a previsão de um plano nacional de vacinação, sem a expectativa de melhora para o ano seguinte e sem perspectivas de retorno das atividades artísticas presenciais. Realizamos atividades de ensaio e oficinas de formato online. E ao chegar ao final de 2020, avaliamos as nossas alternativas e decidimos mudar o nosso produto artístico, da montagem de uma peça de teatro para a produção de um curta-metragem. No momento em que escrevo as linhas deste texto, estamos na etapa da pré-produção do curta-metragem *Romeu e Julieta*, com estreia prevista para início de 2022. Ser artista no Brasil é uma forma de resistência frente às impossibilidades. E, mais uma vez, encaramos o desafio em recriar nossa própria jornada, de geração em geração.

O terceiro de muitos

Por Mateus Sousa

Por fim, como terceira geração de artistas, acolho com muita honra a narrativa, ciente da grandeza desses trabalhos. Meus caminhos se cruzam com o potencial da língua de sinais quando eu, por minha vez, cruzo o Brasil vindo do Piauí para São Paulo, ainda bebê, onde fui criado. Na adolescência, me mudo para Santa Catarina (SC), em 2016. A arte e o teatro ainda eram elementos muito novos em minha vida, mas cheguei dessa mudança de perspectivas com um objetivo muito bem definido: construir minha identidade artístico-cultural com o auxílio do teatro.

Em 2017, me inscrevi no Curso de Formação Inicial e Continuada – FIC de Teatro Bilíngue (Libras/Português), onde conheci a professora Adriana Somacal e posteriormente descobri sobre seu trabalho com atores surdos e o Grupo Signatores. Em meu primeiro contato com os estudantes surdos e ouvintes, aos poucos compreendi o que acontecia diante de meus olhos. De forma tímida, entrei no *Palco das Artes* – como seria anos depois denominada nossa sala – e presenciei pessoas conversando em uma língua diferente da minha, e que, em minha ótica adolescente, parecia invadir minha privacidade com tamanha ocupação de espaço. Lembro de me sentir exposto por longos minutos, até ser introduzido àquele ambiente bilíngue e à professora que, adiante, se tornaria uma grande amiga e minha orientadora.



Imagem 13

Neste período de muitas mudanças típicas da adolescência, eu enfrentava o processo de aceitação como pessoa preta e LGBTQIA+, portanto estar em um ambiente bilíngue durante a juventude transformou minha ótica sobre a interação social e a diversidade, uma vez que ali pude entender mais sobre a pluralidade cultural dos indivíduos.

Durante meu período de iniciação no trabalho artístico com a comunidade surda, começou a investigação sobre Shakespeare em Libras, dentro do curso FIC de Teatro Bilíngue, no Campus Palhoça Bilíngue. Em dezembro de 2017, realizamos a apresentação de cenas baseadas em *Romeu e Julieta*, com a participação de discentes surdos e ouvintes, encenadas em Libras e Português. No ano seguinte, a apresentação de *Romeu e Julieta - Parte I* recebeu o convite para se apresentar como parte da programação de aniversário dos 30 anos do IFSC – Campus São José – Imagem 13.

Em um semestre de ricas experiências, me vi iniciando um processo de aquisição linguística sem mesmo perceber. Ao fim de 2017, me informei sobre a abertura do Curso Técnico Integrado em Tradução e Interpretação de Libras/Português⁵, que propõe a formação técnica alinhada e integrada ao Ensino Médio. Quando abriram as inscrições, recém-formado no Ensino Fundamental,

⁵ O objetivo do curso é formar profissionais voltados para o mundo do trabalho na área de tradução e interpretação de Libras (Língua Brasileira de Sinais) para a Língua Portuguesa (LP) e vice-versa, numa perspectiva bilíngue (LIBRAS-Português).

fui um dos primeiros a me inscrever, sendo aprovado para integrar a primeira turma do curso. No semestre seguinte, iniciei minha formação como tradutor e intérprete, bem como meu percurso através do teatro com pessoas surdas.

Em meio a tantas novas informações e perspectivas no horizonte, durante esse mesmo período fui apresentado às iniciativas dos projetos de Extensão⁶, com o convite para ser discente bolsista da Semana de Arte e Cultura Bilíngue (2017/2), uma semana de atividades artísticas e culturais que hoje se estende para sua quinta edição, promovendo a acessibilidade cultural, compartilhando conteúdos e informações produzidas pela comunidade escolar e acadêmica do Campus Palhoça Bilíngue do IFSC e pela comunidade externa. A partir dessa primeira experiência, protagonizei diversos projetos de extensão relacionados à área do teatro com surdos, sendo orientado por Adriana Somacal, como descrito na sequência.

Em 2018, tive contato com as técnicas do Teatro-Fórum⁷ e, estudando um pouco mais a fundo, descobri que a comunidade surda nunca estivera em contato com estas técnicas teatrais, tendo certa carência de conteúdos relacionados. Adaptando os conhecimentos propostos por essas técnicas e liderando uma equipe de discentes do Campus, inscrevemos dois projetos de extensão – Imagens 14 e 15 – que foram executados nos semestres seguintes: “Teatro-Fórum: Preconceitos relacionados à comunidade surda” (2018) e “O teatro e o debate como ferramentas na causa LGBTQIA+” (2019), que propunham a utilização do Teatro-Fórum para socializar temas pertinentes para a comunidade do campus e região. A proposta de utilizar o Teatro-Fórum como estratégia pedagógica e política no trabalho com a comunidade surda nos mostrou novos horizontes e possibilidades, através dos quais a equipe de estudantes pôde expandir as ações, abrangendo novas temáticas. Após a execução dos projetos citados, a ação de extensão “O teatro como ferramenta de debate sobre situações de assédio e violência” foi incluída no planejamento curricular da disciplina Teatro e Expressão Dramática, ministrada por Adriana Somacal e sendo desenvolvida com os discentes do Curso Técnico Integrado em Tradução e Interpretação de Libras/Português no primeiro semestre de 2019; como principal resultado, a partir das denúncias

⁶ Extensão: articulação da universidade ou instituição para com a comunidade externa e sociedade por meio de projeto, ações e atividades sociopedagógicas.

⁷ Sistema de técnicas criadas pelo dramaturgo brasileiro Augusto Boal, propõe a construção de cenas a partir de situações reais de opressão relatadas pelos membros da comunidade e a participação ativa dos “espectadores”³ ao buscar coletivamente as possíveis alternativas de resoluções aos problemas relatados.



Imagem 14



Imagem 15

de assédio expostas na execução dos fóruns com estudantes surdos e ouvintes, o projeto, em parceria com a Coordenação Pedagógica do Campus, levou à criação do protocolo para atendimento aos estudantes vítimas de assédio dentro do IFSC Campus Palhoça Bilíngue, para que finalmente essas situações de opressão pudessem ser registradas, mapeadas e encaminhadas dentro da instituição.

Com novas perspectivas acadêmicas e profissionais surgindo, minha integração à pesquisa do grupo Signatores ocorreu de maneira natural e paralela aos meus trabalhos com a professora Adriana Somacal no Instituto Federal de Santa Catarina. Fui convidado pelo grupo para atuar como assistente de direção e narrador-personagem em uma versão pocket do espetáculo Alice no País das Maravilhas, apresentado em outubro de 2019 no 2º Encontro de Surdos de Bento Gonçalves (RS).

Em 2019, foi aprovado o projeto de extensão “Shakespeare: tradições e leituras dramáticas”, com a tradução e leitura dramática de cenas de Romeu e Julieta para jovens e adultos. Com o potencial do projeto e com a experiência de projeto de discentes da graduação em Pedagogia Bilíngue (IFSC), constatamos a necessidade de realizar ações pontuais com o público infantil. Alinhando os conhecimentos dos projetos anteriores com o material traduzido e a realização de oficinas de contação de histórias bilíngues para o ensino de Libras — foco no público infantil —, no fim de 2019 o projeto foi aprovado e premiado no Festival da Cultura Inglesa.

Por participar de todo esse processo ainda muito jovem — dos treze aos dezoito anos de idade — tive o privilégio de contribuir na elaboração dessas propostas, textos e no desenvolvimento dos trabalhos. Olhando para o meu trabalho nos últimos anos em conjunto com meus colegas pesquisadores, posso perceber minha evolução identitária, artística e profissional. Hoje, tenho o prazer de integrar as equipes de produção cultural, tradução e interpretação de Libras e de assistência de direção do Grupo Signatores na execução de uma nova etapa do projeto “Shakespeare em Libras”: o curta-metragem Romeu e Julieta em língua de sinais.

Revisitar a história do Grupo Signatores, bem como a jornada de meus colegas de artigo, me faz refletir sobre o impacto desses trabalhos e a influência exercida sobre a perspectiva artística de todos os que se envolveram, de alguma forma, em nossas produções culturais ao longo dos anos. Transformar a óptica clínica e assistencialista que a maioria das pessoas ainda tem sobre as pessoas surdas é uma obrigação política e social de cada uma das ações desenvolvidas por esse grupo de pesquisadores. Se cada assento da plateia, de cada sessão apresentada, em cada teatro ocupado por nós, carrega um universo de singularidades, então, de fato, nosso trabalho cultivou muitas sementes ao longo dos anos.

Acreditamos que a jornada aqui descrita por meio de três gerações de artistas ainda tem muito a contribuir com a visibilidade da comunidade surda no meio artístico. É preciso entender que uma minoria linguística e social como a comunidade surda tem potencial artístico imenso, tal qual a língua de sinais. Tendo em vista essa jornada e todas as ações realizadas até aqui, em uma próxima ocasião espero que nos apresentemos em não três, mas muitas gerações de artistas.